



UFS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ELYSA CARLA ARAÚJO COSTA

**ESTÂNCIA EM EXPOSIÇÃO: fotografia e memória urbana na mostra “171
anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins”
(2019)**

**SÃO CRISTÓVÃO
2026**

**ESTÂNCIA EM EXPOSIÇÃO: fotografia e memória urbana na mostra “171 anos do
Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins” (2019)**

ELYSA CARLA ARAÚJO COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciatura em História pela Universidade
Federal de Sergipe (UFS).

Orientação: Prof. Dr. Antônio Fernando de
Araújo Sá

SÃO CRISTÓVÃO

2026

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| SUMÁRIO..... | 3 |
| RESUMO..... | 4 |
| ABSTRACT..... | 5 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 2 MEMÓRIA, FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO DA CIDADE: BASES TEÓRICAS..... | 8 |
| 2.1 A memória como construção social e histórica..... | 8 |
| 2.2 Fotografia, representação e produção de sentidos..... | 9 |
| 2.3 A fotografia como documento histórico e fonte de pesquisa..... | 10 |
| 3 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA E CIRCULAÇÃO DIGITAL DA MEMÓRIA URBANA.. | 11 |
| 3.1 Exposição fotográfica como narrativa histórica..... | 11 |
| 3.2 Fotografia, memória urbana e circulação digital..... | 12 |
| 3.3 Caracterização do recorte empírico da pesquisa..... | 13 |
| 4 ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS..... | 14 |
| 4.1 Organização das fotografias em eixos temáticos..... | 15 |
| 4.2 Análise das imagens por eixos temáticos..... | 15 |
| 4.2.1 Territórios, paisagens e modos de habitar..... | 16 |
| Fotografia 1 – Abaís: paisagem, horizonte e configuração do território litorâneo..... | 17 |
| Fotografia 2 – Abaís: estruturas, ocupação e presença humana na paisagem litorânea..... | 19 |
| Fotografia 3 - Abaís: mar, movimento e experiências do litoral..... | 20 |
| 4.2.2 Paisagens ribeirinhas, trabalho e memória urbana..... | 22 |
| Fotografia 4 – Porto da Areia: embarcações, margem e cotidiano ribeirinho..... | 23 |
| Fotografia 5 – Trabalho, religiosidade e cotidiano às margens do rio..... | 25 |
| Fotografia 6 – Infância e cotidiano no espaço ribeirinho..... | 27 |
| Fotografia 7 – Travessia, trabalho e permanências no espaço ribeirinho..... | 29 |
| Fotografia 8 – O gesto da pesca: trabalho, cooperação e saberes tradicionais..... | 30 |
| Fotografia 9 – Fábrica, rio e permanências na paisagem industrial de Estância..... | 32 |
| Fotografia 10 – Fábrica ao longe: ruína, enquadramento e memória na paisagem..... | 34 |
| 4.2.3 Festas, religiosidade e usos simbólicos do espaço urbano..... | 35 |
| Fotografia 11 – Fogueira, celebração e religiosidade no centro urbano..... | 36 |
| Fotografia 12- Celebração, tradição e ocupação coletiva da cidade..... | 38 |
| Fotografia 13-Festa, encontro e usos simbólicos da rua..... | 40 |
| Fotografia 14 - Barco de Fogo e celebração da tradição estanciana..... | 42 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 45 |
| REFERÊNCIAS..... | 47 |

RESUMO

Este trabalho analisa as imagens que integraram a exposição “171 anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins” realizada em 2019, no município de Estância (SE). A pesquisa parte da compreensão da fotografia como linguagem visual e como dispositivo de mediação da memória urbana, investigando de que modo essas produções participam da elaboração de sentidos sobre a cidade, suas paisagens, práticas sociais e usos do espaço urbano.

O estudo examina quatorze fotografias organizadas em eixos temáticos, contemplando territórios, paisagens, espaços ribeirinhos, cotidiano, religiosidade e festas populares. Metodologicamente, adotando-se uma abordagem qualitativa, baseada na análise visual e contextual das imagens, considerando seus aspectos formais, escolhas estéticas e os contextos de produção, exposição e circulação digital.

Ademais, as fotografias são compreendidas como objetos culturais que, ao integrarem um conjunto expositivo e ao circularem nas mídias digitais, atuam como dispositivos de mediação da memória urbana. Nesse sentido, o trabalho evidencia que as imagens não apenas registram a cidade, mas participam ativamente da construção de representações, identidades e formas de pertencimento, configurando modos específicos de ver, narrar e lembrar Estância na contemporaneidade.

Palavras-chave: Fotografia; Memória urbana; Exposição; Narrativa visual; Estância (SE).

ABSTRACT

This study analyzes the images that composed the exhibition “171 years of Cultural Jubilee: Estância through the lens of photographer Ricardo Martins”, held in 2019 in the municipality of Estância (SE), Brazil. The research is grounded in the understanding of photography as a visual language and as a device for mediating urban memory, investigating how these visual productions contribute to the construction of meanings about the city, its landscapes, social practices, and uses of urban space..

The study examines fourteen photographs organized into thematic axes, encompassing territories, landscapes, riverside spaces, everyday life, religiosity, and popular festivities. Methodologically, it adopts a qualitative approach based on visual and contextual analysis, considering formal aspects, aesthetic choices, and the contexts of production, exhibition, and digital circulation.

The photographs are understood as cultural objects that, by integrating an exhibition and circulating through digital media, function as mediating devices of urban memory. In this sense, the research demonstrates that the images do not merely document the city, but actively participate in the construction of representations, identities, and forms of belonging, shaping specific ways of seeing, narrating, and remembering Estância in contemporary times.

Keywords: Photography; Urban memory; Exhibition; Visual narrative; Estância (SE).

1 INTRODUÇÃO

A fotografia ocupa, na contemporaneidade, um lugar central na maneira como indivíduos e grupos produzem, compartilham e atribuem sentidos às suas experiências no tempo e no espaço. O interesse por esse tema surgiu justamente a partir da observação de como imagens sobre a cidade de Estância circulam especialmente em exposições e redes sociais, e de como essas imagens contribuem para formar determinadas percepções sobre o município, seus territórios e suas práticas culturais. Mais do que um recurso técnico de registro, compreendo a imagem fotográfica como uma linguagem capaz de interpretar, organizar visualmente e comunicar aspectos do cotidiano, tornando-se um meio fundamental para a construção de narrativas sobre pessoas, lugares e práticas sociais.

No contexto das cidades, a fotografia participa ativamente da produção de imagens da vida urbana, colaborando para a formação de memórias constituídas a partir de fragmentos, recortes e pontos de vista específicos. As imagens não apenas documentam espaços, mas também contribuem para conformar modos de ver e compreender a paisagem, o trabalho, as relações sociais e as transformações que atravessam o espaço urbano ao longo do tempo.

Assim, a memória urbana pode ser compreendida como uma construção social produzida por meio de processos contínuos de seleção, circulação e interpretação de representações sobre a cidade. Fotografias, exposições e mídias digitais integram um conjunto de dispositivos que organizam visualidades, que abrem portas para produção de determinadas leituras sobre o passado e o presente dos espaços urbanos.

É nesse horizonte que se insere a exposição “171 anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins”, realizada em 2019, no município de Estância (SE), no Espaço Memorial da Cultura. A mostra reuniu quatorze fotografias que retratam paisagens, territórios e práticas sociais do município, compondo um conjunto visual que possibilita múltiplas leituras sobre a cidade e seus modos de vida. Neste trabalho, tomo a exposição como recorte empírico e ponto de partida para analisar a fotografia enquanto linguagem e seus usos na construção de narrativas sobre a memória urbana.

Este evento expositivo foi promovido pela Prefeitura Municipal de Estância, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, como parte das ações comemorativas do aniversário da

cidade, no dia 04 de maio de 2019 e aconteceu no Memorial da Cultura, espaço destinado ao Conselho Municipal de Políticas Culturais e que também abriga a Academia Estanciana de Letras e o Clube dos Poetas Estancianos. Ademais, o Memorial é um espaço voltado à promoção do lazer cultural e à valorização da produção artística estanciana, no qual são realizadas exposições, saraus e diversas atividades que contribuem para o desenvolvimento e a apreciação da cultura municipal.

Para além do espaço expositivo, as fotografias passaram a circular em ambiente digital, especialmente por meio do perfil profissional do fotógrafo Ricardo Martins no Instagram. O que corroborou para circulação e ampliação do alcance das imagens, inserindo essas representações da cidade em um contexto marcado pela visualização constante, pelo compartilhamento e pela interação, aspectos que influenciam diretamente as formas pelas quais essas imagens são vistas, apropriadas e ressignificadas.

Dessa forma, este estudo tem como objeto a análise das narrativas visuais construídas a partir das fotografias da exposição e de sua circulação digital, buscando compreender de que maneira a fotografia, nesses contextos, participa da elaboração de sentidos sobre a cidade de Estância. Com isso, parto do entendimento de que a fotografia não é um espelho da realidade, mas uma construção visual atravessada por escolhas estéticas, técnicas e simbólicas, que orientam modos de ver e interpretar o espaço urbano.

A pesquisa orienta-se, portanto, pela seguinte questão: de que maneira a exposição fotográfica “171 anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins” e a circulação de suas imagens nas mídias digitais constroem narrativas visuais que participam da produção da memória urbana de Estância?

Para responder a esse problema, analiso quatorze fotografias organizadas em eixos temáticos, considerando seus aspectos formais, compositivos e simbólicos, bem como os contextos de exposição e circulação. A investigação estrutura-se em três capítulos: o primeiro discute memória, fotografia e cidade; o segundo apresenta o fotógrafo e a exposição, situando o objeto empírico; e o terceiro desenvolve a análise das imagens. Assim, busco compreender como a fotografia atua como linguagem na produção de sentidos sobre a cidade e seus territórios.

2 MEMÓRIA, FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO DA CIDADE: BASES TEÓRICAS

2.1 A memória como construção social e histórica

Compreender a memória como construção social significa afastar-se da noção de que lembrar constitui um ato exclusivamente individual ou espontâneo. As lembranças são elaboradas no interior das relações sociais, atravessadas pelos grupos dos quais os sujeitos fazem parte, pelas narrativas que circulam socialmente e pelos valores compartilhados em determinado tempo histórico. Nesse sentido, entendo a memória como um processo produzido em diálogo permanente com a sociedade.

Nesse sentido, as contribuições de Maurice Halbwachs são centrais para essa perspectiva, ao afirmar que a memória individual se organiza a partir de quadros sociais, isto é, de referências coletivas que orientam tanto o conteúdo quanto a forma das lembranças (HALBWACHS, 2006, p. 38). Assim, mesmo as experiências pessoais são interpretadas à luz de esquemas sociais mais amplos, o que reforça o caráter coletivo da memória.

Desse modo, a memória não pode ser entendida como simples reprodução do passado. Ela é continuamente reorganizada no presente, em função de necessidades, interesses e disputas. Jacques Le Goff destaca que a memória constitui um campo atravessado por relações de poder, no qual certos acontecimentos são valorizados enquanto outros são silenciados (LE GOFF, 2003, p. 419). Lembrar, portanto, envolve necessariamente processos de seleção.

Essa compreensão permite reconhecer a memória como um espaço de construção simbólica. Ao escolher o que preservar e o que esquecer, grupos sociais elaboram narrativas sobre si mesmos, sobre suas trajetórias e sobre os lugares que ocupam, participando diretamente da constituição de identidades coletivas.

Nas sociedades contemporâneas, observa-se um investimento crescente em práticas de rememoração, materializadas na criação de museus, arquivos, monumentos, exposições e eventos comemorativos. Essas iniciativas expressam uma preocupação com a preservação de referências diante das transformações aceleradas do mundo atual. Pierre Nora propõe compreender tais espaços como lugares de memória, ou seja, pontos nos quais a memória se

cristaliza e se atualiza porque já não se sustenta apenas de forma espontânea (NORA, 1993, p. 13).

A partir dessas contribuições, considero a cidade como um amplo território de produção de memória. Ruas, bairros, praças e edificações acumulam marcas de diferentes tempos históricos, tornando-se suportes de lembranças e representações. A memória urbana corresponde, assim, ao conjunto de sentidos atribuídos ao espaço da cidade pelos sujeitos que o vivem, circulam e interpretam.

Compreender a memória como construção social e a cidade como espaço de inscrição da memória é fundamental para a abordagem adotada neste trabalho, pois possibilita analisar, nos capítulos seguintes, de que maneira a fotografia participa da produção e da circulação dessas memórias no contexto urbano de Estância.

2.2 Fotografia, representação e produção de sentidos

No cenário contemporâneo, a fotografia assume um papel central na produção de sentidos sobre o mundo. Presente em diferentes suportes e contextos, ela participa ativamente da maneira como os sujeitos percebem, interpretam e atribuem significado à realidade. Ao longo deste trabalho, a fotografia é abordada não apenas como recurso técnico de registro, mas como linguagem visual que constrói sentidos e modela maneiras de ver a realidade.

Nesse sentido, assumir a fotografia como linguagem implica reconhecer que a imagem é sempre resultado de escolhas. Cada fotografia envolve decisões relacionadas ao enquadramento, ao ângulo, à distância, à luminosidade e ao momento do disparo, escolhas que interferem diretamente no que será mostrado e, conseqüentemente, nos sentidos que serão produzidos. Dessa forma, a fotografia não apresenta a realidade de modo neutro, mas constrói uma determinada versão dela.

Philippe Dubois contribui para essa compreensão ao afirmar que a fotografia é uma representação construída, marcada por códigos e convenções culturais (DUBOIS, 2012, p. 52). A imagem, portanto, não corresponde a uma cópia fiel do mundo, mas a uma forma específica de organização visual da experiência.

Se a fotografia produz versões da realidade, torna-se igualmente importante considerar que os modos de olhar não são naturais. John Berger destaca que o olhar é

historicamente aprendido, sendo moldado pelas experiências culturais e sociais dos sujeitos (BERGER, 1999, p. 10). Assim, tanto quem produz quanto quem observa a fotografia participa da construção de seus sentidos.

Essa dupla dimensão, que articula produção e recepção, permite compreender a fotografia como um espaço de negociação simbólica. As imagens não carregam significados únicos e fechados, mas abrem possibilidades de interpretação que variam conforme o contexto de circulação e o repertório de quem as observa.

Quando situada no espaço urbano, a fotografia participa diretamente da construção de representações da cidade. Certos lugares, práticas e sujeitos ganham visibilidade, enquanto outros permanecem ausentes ou marginalizados. Essas escolhas contribuem para a formação de narrativas visuais que influenciam a maneira como a cidade é percebida, lembrada e valorizada.

Para este trabalho, compreender a fotografia como linguagem e representação é fundamental, pois possibilita analisar como as imagens da exposição “171 anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins” organizam visualmente uma narrativa sobre a cidade, selecionando elementos específicos que passam a integrar a memória urbana local.

2.3 A fotografia como documento histórico e fonte de pesquisa

A ampliação do conceito de fonte histórica permitiu à historiografia incorporar novos tipos de documentos, entre eles a fotografia. Longe de ocupar um lugar meramente ilustrativo, a imagem passou a ser compreendida como um vestígio capaz de revelar práticas sociais, modos de vida e formas de representação de diferentes tempos históricos.

Nesse sentido, entendo a fotografia como um tipo particular de documento. Ela registra um fragmento do real, mas esse registro é sempre atravessado por escolhas, enquadramentos e mediações. Boris Kossoy contribui para essa compreensão ao afirmar que toda fotografia é, simultaneamente, documento e representação, pois conserva indícios da realidade e, ao mesmo tempo, constrói uma versão sobre ela (KOSSOY, 2014, p. 32). A imagem, portanto, não é neutra, mas resultado de um processo de produção.

Essa condição exige que a fotografia seja analisada de forma crítica. Mais do que observar o que aparece na imagem, considero necessário interrogar as circunstâncias de sua produção, quem a produziu, em que contexto e quais sentidos podem ser mobilizados a partir dela. Assim, a fotografia deixa de ser compreendida como simples espelho do passado e passa a ser reconhecida como uma construção histórica. Ao mesmo tempo, essa construção se ancora na existência concreta daquilo que foi fotografado, estabelecendo uma relação singular entre imagem e tempo.

É justamente essa relação temporal que reforça a relevância da fotografia para os estudos sobre memória. Roland Barthes observa que toda fotografia carrega a marca do “isso foi”, isto é, a certeza de que aquilo que aparece na imagem existiu diante da câmera em determinado momento (BARTHES, 1984, p. 15). Dessa forma, a fotografia não apenas representa, mas também atesta a existência de um fragmento do passado, funcionando como um elo sensível entre o presente do observador e um tempo que já não existe mais.

Entretanto, esse vínculo com o passado não implica fixidez de sentido. Ana Maria Mauad destaca que a fotografia atua como uma interface entre passado e presente, pois suas interpretações se transformam conforme os contextos de observação (MAUAD, 1996, p. 8). A imagem, portanto, não encerra a memória, mas participa de sua permanente atualização.

Para este trabalho, compreender a fotografia como documento histórico significa reconhecê-la como uma fonte capaz de articular memória, representação e experiência urbana. As fotografias analisadas são tratadas, assim, como documentos culturais que constroem e difundem sentidos sobre a cidade de Estância.

3 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA E CIRCULAÇÃO DIGITAL DA MEMÓRIA URBANA

3.1 Exposição fotográfica como narrativa histórica

As exposições fotográficas podem ser compreendidas como dispositivos de organização e comunicação de imagens. Mais do que reunir fotografias em um mesmo espaço, elas estruturam visualmente conjuntos que estabelecem relações entre temas, tempos e espaços, orientando o percurso do olhar do público.

Nessa perspectiva, a exposição configura-se como uma forma de narrativa visual. As fotografias, quando apresentadas em conjunto, deixam de ser percebidas apenas como imagens isoladas e passam a compor um encadeamento que sugere conexões, aproximações e continuidades. A ordem de apresentação, a proximidade entre as imagens e a definição de eixos temáticos colaboram para a construção desse percurso narrativo.

A exposição envolve, portanto, escolhas curatoriais e institucionais. A definição das imagens que serão exibidas, assim como os critérios de seleção e organização, constitui um processo de atribuição de valor a determinados registros em detrimento de outros. Desse modo, a exposição atua como um dispositivo que seleciona, organiza e torna visíveis certos conjuntos de imagens.

Compreender a exposição fotográfica como narrativa histórica permite, neste trabalho, tratar o conjunto de fotografias analisadas não como unidades independentes, mas como parte de uma organização visual mais ampla. Essa perspectiva orienta a análise que será desenvolvida no Capítulo 4, no qual as imagens são examinadas tanto individualmente quanto em relação ao conjunto da exposição.

3.2 Fotografia, memória urbana e circulação digital

A circulação das fotografias nas mídias digitais transformou de modo significativo as formas de produção, compartilhamento e consumo das imagens. As plataformas digitais ampliam o alcance das fotografias e possibilitam que elas circulem para além dos espaços expositivos tradicionais, inserindo-as em fluxos contínuos de visualização.

Nesse contexto, a fotografia passa a integrar dinâmicas próprias do ambiente digital, marcadas pela rapidez, pela multiplicação de cópias e pela constante recontextualização. As imagens deixam de estar vinculadas a um suporte único e passam a circular em diferentes plataformas, acompanhadas por legendas, comentários e interações que interferem diretamente em sua leitura.

A circulação digital também incide sobre os processos de construção da memória. Fotografias que são reiteradamente visualizadas e compartilhadas tendem a consolidar determinadas representações, enquanto outras permanecem menos visíveis. Desse modo, a memória deixa de ser produzida apenas em espaços institucionais e passa a ser continuamente atualizada em ambientes digitais.

Para este trabalho, interessa compreender a circulação digital como uma dimensão complementar à exposição física. As fotografias analisadas, além de integrarem um conjunto expositivo, também circulam em ambiente digital, especialmente por meio do perfil profissional do fotógrafo Ricardo Martins no Instagram. Essa circulação amplia o alcance das imagens e acrescenta novas camadas de sentido, sem que isso implique atribuir centralidade simbólica à plataforma, mas reconhecendo-a como parte do circuito contemporâneo de difusão das fotografias. Assim, essa perspectiva permite compreender a memória urbana como um processo construído na articulação entre imagens, suportes e contextos de circulação.

3.3 Caracterização do recorte empírico da pesquisa

O recorte empírico desta pesquisa é constituído pelas quatorze fotografias que integram a exposição “171 anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins”, realizada em 4 de maio de 2019, no Espaço Memorial da Cultura, no município de Estância (SE), como parte das comemorações oficiais do aniversário da cidade.

A escolha desse conjunto de imagens não se deu de forma aleatória. Considerou-se que a exposição reúne fotografias produzidas no contexto de uma celebração institucional, o que confere às imagens um caráter simbólico relevante para a compreensão das narrativas construídas sobre Estância no tempo presente.

As imagens foram produzidas pelo fotógrafo Ricardo Martins e apresentadas em um espaço institucional vinculado às ações culturais do poder público municipal. Neste trabalho, compreendo a exposição como ponto de partida para a delimitação do corpus, e não como objeto central de análise. Assim, o foco da pesquisa recai sobre as fotografias, entendidas como documentos visuais e objetos culturais que produzem sentidos sobre a cidade e participam da construção de sua memória urbana. Optei por trabalhar com a totalidade das quatorze fotografias exibidas, preservando o conjunto tal como foi apresentado ao público, por entender que essa decisão possibilita observar não apenas as singularidades de cada imagem, mas também as relações estabelecidas entre elas, aspecto fundamental para a compreensão da exposição como narrativa visual.

Estas fotografias retratam paisagens urbanas, espaços ribeirinhos, cenas do cotidiano, manifestações culturais, práticas sociais e elementos arquitetônicos, permitindo uma leitura abrangente das diferentes dimensões que compõem a experiência urbana em Estância. Dessa forma, o corpus oferece condições para analisar como distintos territórios, usos e vivências da cidade são visualmente representados. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada pela análise visual e interpretativa das imagens, considerando aspectos formais, compositivos e simbólicos, bem como seus contextos de produção, exposição e circulação digital.

Não restritas ao espaço expositivo, as fotografias passam a integrar também o ambiente digital, sobretudo por meio do perfil profissional do fotógrafo no Instagram. Essa presença nas redes amplia a visibilidade das imagens e as insere nas dinâmicas atuais de circulação e compartilhamento visual, elemento fundamental para analisar de que maneira tais representações da cidade são percebidas, apropriadas e reinterpretadas pelo público.

4 ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS

Este capítulo dedica-se à análise das quatorze fotografias que compõem o corpus da pesquisa, compreendendo-as como documentos visuais e como suportes de construção de representações da cidade de Estância. Onde busco compreender de que maneira essas imagens organizam visualmente sentidos sobre a paisagem urbana, o cotidiano e os elementos culturais presentes no espaço da cidade.

A priori, é possível compreender que a fotografia não constitui um reflexo neutro da realidade, mas uma construção visual atravessada por escolhas relacionadas ao enquadramento, à composição, ao ponto de vista e ao momento do registro e que essas escolhas interferem diretamente nos sentidos produzidos pelas imagens.

Onde, a análise privilegia uma leitura atenta a cada fotografia, considerando tanto seus aspectos formais quanto os temas e as relações que cada imagem sugere. Todavia, procurando estabelecer conexões entre as fotografias, observando suas recorrências e aproximações que contribuem para a compreensão do conjunto.

Dessa forma, a análise desenvolve-se a partir de dois movimentos complementares: a observação individual de cada imagem e a leitura relacional do conjunto das fotografias. O que possibilita articular singularidade e totalidade, sem reduzir as imagens a meras ilustrações, buscando compreender como as

fotografias participam da construção de representações da cidade e de sua memória urbana.

4.1 Organização das fotografias em eixos temáticos

Para tornar a análise mais clara e coerente, às quatorze fotografias foram organizadas em eixos temáticos definidos a partir da observação dos assuntos recorrentes presentes nas imagens. Essa organização resulta de um movimento de leitura do próprio conjunto fotográfico, buscando identificar aproximações entre temas, espaços e práticas representadas.

Os eixos não são compreendidos como categorias rígidas, mas como pontos de convergência que auxiliam na compreensão da diversidade de olhares lançados sobre a cidade. As imagens, embora agrupadas, preservam suas especificidades e são analisadas individualmente no tópico seguinte.

Essa forma de organização possibilita perceber como diferentes dimensões da cidade de Estância são visualmente mobilizadas, evidenciando tanto permanências quanto transformações. Além disso, contribui para compreender a lógica que estrutura o conjunto das fotografias, sem impor hierarquias entre os temas.

4.2 Análise das imagens por eixos temáticos

A partir do percurso teórico e metodológico delineado nos capítulos anteriores, este tópico inaugura a análise das fotografias que compõem o corpus da pesquisa. As imagens são compreendidas como produções visuais que expressam modos específicos de ver e representar a cidade de Estância, articulando escolhas estéticas, enquadramentos e temas que orientam a construção de sentidos sobre o território.

A análise privilegia a observação dos elementos visuais das fotografias e sua relação com os contextos históricos e sociais aos quais se vinculam, buscando compreender de que maneira essas imagens participam da elaboração de narrativas sobre paisagens, espaços e experiências urbanas.

Nos subtópicos seguintes, as fotografias são examinadas em conjuntos temáticos, o que possibilita identificar recorrências, aproximações e variações nas representações, sem perder de vista as singularidades de cada imagem.

4.2.1 Territórios, paisagens e modos de habitar

Este eixo reúne fotografias que direcionam o olhar para diferentes territórios de Estância e de seus arredores, enfatizando a maneira como a paisagem se organiza e como os sujeitos constroem seus modos de habitar esses espaços. Mais do que apresentar cenários, as imagens possibilitam perceber relações entre ambiente, ocupação e cotidiano, revelando formas específicas de viver e de se relacionar com o território.

A paisagem, nesse conjunto, não é compreendida apenas como fundo natural, mas como resultado de processos históricos e sociais. Casas, caminhos, áreas abertas, vegetação e construções simples aparecem articulados, compondo cenas que evidenciam a convivência entre natureza e ação humana. Essa relação sugere um território em constante construção, marcado tanto por permanências quanto por transformações.

As fotografias também convidam a observar espaços que, muitas vezes, permanecem à margem das representações mais recorrentes sobre a cidade, mas que são fundamentais para compreender sua dinâmica cotidiana. Povoados, áreas litorâneas e zonas de ocupação menos centralizadas surgem como parte constitutiva de Estância, ampliando a noção de cidade para além de seus limites formais.

Nesse sentido, as imagens deste eixo contribuem para pensar a Estância como um território plural, formado por diferentes paisagens e modos de habitar, nos quais se inscrevem experiências, práticas sociais e formas de pertencimento que participam da construção da memória urbana.

Fotografia 1 – Abaís: paisagem, horizonte e configuração do território litorâneo



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta uma vista panorâmica da praia do Abaís, captada a partir de um ponto elevado, o que possibilita ao observador uma leitura ampla da organização espacial do território. Esse ponto de vista não é neutro: ao optar por uma posição superior, o fotógrafo constrói uma imagem que privilegia a totalidade da paisagem, oferecendo uma visão de conjunto que articula natureza, área habitada e horizonte marítimo.

No primeiro plano, a vegetação nativa atua como elemento de enquadramento, criando uma moldura natural que conduz o olhar em direção ao espaço urbano disposto ao fundo. Do ponto de vista formal, esse recurso contribui para a sensação de profundidade e para a organização da cena em camadas visuais, já no plano simbólico, sugere uma relação de continuidade entre ambiente natural e ocupação humana.

Esta composição organiza-se em três planos principais: a vegetação em primeiro plano, a malha urbana no plano intermediário e, ao fundo, o mar e o céu. Essa disposição evidencia a inserção direta do povoado no ambiente costeiro, indicando um modo de habitar no qual a

cidade e natureza não se apresentam como esferas separadas, mas como dimensões interdependentes. Assim, o território é apresentado como espaço vivido, moldado por práticas cotidianas que se desenvolvem em estreita conexão com o litoral.

Os atributos cromáticos da imagem, marcados pela predominância de tons de azul e verde, reforçam uma leitura estética que valoriza a paisagem e contribui para a construção de uma atmosfera de tranquilidade e equilíbrio. Essa escolha visual não apenas embeleza a cena, mas participa da produção de sentidos sobre o Abaís, associando-o a ideias de harmonia, beleza natural e pertencimento.

Entre os elementos icônicos, destaca-se a presença de um pássaro em pleno voo, atravessando o céu. Embora discreto, esse detalhe introduz movimento à composição e amplia a sensação de amplitude espacial, sugerindo liberdade e circulação. Ao mesmo tempo, o pássaro funciona como um ponto sensível de ancoragem do olhar, convidando o observador a uma experiência mais contemplativa da paisagem.

A partir da articulação entre atributos formais (enquadramento, planos, cores e ponto de vista) e atributos icônicos (vegetação, casas, mar, céu e pássaro), a fotografia constrói uma narrativa visual que apresenta o Abaís como um território marcado pela convivência entre natureza e habitação humana. Não se trata apenas de um registro geográfico, mas de uma representação que atribui valor simbólico ao lugar.

No contexto da exposição, essa imagem insere a praia do Abaís como parte constitutiva da memória territorial de Estância, indicando que a cidade é formada por múltiplos espaços e experiências. Assim, a fotografia contribui para ampliar a compreensão da identidade municipal, incorporando áreas litorâneas e seus modos próprios de viver, habitar e se relacionar com a paisagem.

Fotografia 2 – Abaís: estruturas, ocupação e presença humana na paisagem litorânea



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta um conjunto de estruturas construídas sobre a faixa de areia da praia do Abaís, organizadas em sequência e acompanhando o desenho da paisagem costeira. Os pilares verticais que sustentam coberturas simples criam um alinhamento contínuo, estabelecendo um ritmo visual que atravessa toda a imagem. Esse arranjo orienta o olhar do observador ao longo da cena e possibilita perceber como a ocupação humana se distribui de maneira integrada ao espaço natural.

Ademais, o enquadramento em plano aberto permite a visualização simultânea da areia, das construções, do céu e da linha do horizonte, produzindo uma sensação de amplitude e abertura espacial. O que faz com que a fotografia não apresente um litoral idealizado ou intocado, mas um território marcado pelo uso social, no qual a presença humana se inscreve de forma discreta, porém constante, por meio das edificações e das marcas de ocupação.

Em relação a paleta cromática, composta majoritariamente por tons de azul, verde e amarelo, contribui para a valorização estética da cena e reforça uma leitura visual que destaca o caráter acolhedor e visualmente atrativo do lugar. Essa escolhas de cor e luminosidade colaboram

para a construção de uma imagem que associa o litoral a ideias de tranquilidade, convivência e pertencimento, sem, contudo, esgotar a complexidade do espaço representado.

Outro ponto é que mesmo na ausência de figuras humanas visíveis, a fotografia é atravessada por indícios de presença e ação. As estruturas erguidas sobre a areia funcionam como vestígios de práticas cotidianas, sugerindo usos ligados ao descanso, ao encontro, ao trabalho eventual ou ao apoio a atividades locais. Dessa forma, o litoral aparece como um espaço vivido, produzido e continuamente ressignificado pelos sujeitos que o frequentam.

No conjunto da exposição, esta imagem contribui para inserir Abaís na memória territorial de Estância, indicando que a cidade se constrói também a partir de seus espaços litorâneos e de modos de habitar que se diferenciam do centro urbano. A fotografia, assim, participa da ampliação das formas de ver a cidade.

Fotografia 3 - Abaís: mar, movimento e experiências do litoral



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta o mar em movimento, captado a partir de um ponto de observação que privilegia a sucessão das ondas e a textura da água. A composição organiza-se horizontalmente, acompanhando o ritmo natural do oceano, o que produz uma sensação de continuidade e fluidez. No centro da imagem, as ondas ganham destaque, enquanto, ao fundo, pequenas figuras humanas aparecem parcialmente submersas, sugerindo práticas de lazer e interação direta com o ambiente marítimo.

A priori, o enquadramento coloca o mar como elemento central da paisagem, evidenciando sua importância na constituição do território de Abaís. Ao mesmo tempo, a presença discreta das pessoas afasta a imagem de uma leitura puramente contemplativa e introduz a dimensão do uso social desse espaço. O litoral surge, assim, como um lugar vivido, frequentado e apropriado, no qual a natureza e a experiência humana se articulam de forma constante.

Além do banho de mar e da permanência na água, a disposição diferenciada de alguns indivíduos em relação às ondas sugere também a prática do surfe, atividade esportiva dependente da leitura do movimento marítimo. Diferentemente dos demais banhistas, que ocupam o espaço de forma dispersa, o surfista estabelece com o mar uma relação de atenção e espera, observando o comportamento das ondas e escolhendo o momento adequado de interação. O oceano deixa de ser apenas cenário de recreação e passa a ser percebido como campo de habilidade técnica e experiência corporal especializada. Dessa forma, a paisagem não se configura somente como espaço de lazer coletivo, mas também como lugar de prática esportiva, incorporando ao território de Abaís dimensões culturais associadas ao esporte e a modos específicos de viver o litoral.

O contraste entre os tons de verde e azul da água e o branco da espuma das ondas contribui para valorizar visualmente a cena e acentuar o dinamismo do ambiente costeiro. Esse jogo cromático reforça a ideia de movimento e energia, ao mesmo tempo em que constrói uma imagem esteticamente atrativa, capaz de evocar sensações associadas à intensidade, ao frescor e à liberdade.

A presença de elementos levemente desfocados no primeiro plano, possivelmente galhos ou folhas, acrescenta uma camada à composição e reforça a sensação de profundidade. Esse recurso cria a impressão de que o observador se encontra inserido naquele espaço, acompanhando a cena a partir de um ponto de vista próximo e situado.

No conjunto da exposição, a fotografia não apenas registra a paisagem litorânea, mas

organiza uma narrativa visual sobre formas de apropriação do espaço marítimo. O mar aparece como componente estruturador da experiência urbana ampliada de Estância, articulando lazer, sociabilidade e prática esportiva. Assim, a imagem contribui para construir uma memória territorial em que natureza e cultura não se opõem, mas se constituem mutuamente, apresentando Abaís como espaço de convivência, experiência corporal e identidade coletiva vinculada ao litoral.

4.2.2 Paisagens ribeirinhas, trabalho e memória urbana

Este eixo reúne fotografias que apresentam a paisagem de Estância a partir de espaços historicamente vinculados ao trabalho e à produção, tendo o rio, suas margens e as antigas estruturas fabris como elementos centrais da composição. As imagens evidenciam o espaço ribeirinho como território de circulação, moradia, convivência e atividades produtivas, destacando sua importância histórica e social para a formação da cidade.

Mais do que um cenário natural, o rio aparece como espaço vivido, atravessado por práticas cotidianas que revelam modos específicos de relação entre pessoas e água. Embarcações, travessias, pesca e permanências às margens indicam que ele continua a desempenhar papel estruturante na vida local. Nesse contexto, a coexistência entre natureza e ocupação humana se estabelece sem separações rígidas, configurando o espaço ribeirinho como lugar de uso, pertencimento e construção de experiências.

Associadas a essa dinâmica, as antigas estruturas industriais presentes na paisagem como as fábricas, chaminés e galpões introduzem outra camada de leitura. Onde essas edificações não são apresentadas apenas como vestígios arquitetônicos, mas como suportes de memória vinculados às atividades produtivas que historicamente se desenvolveram em proximidade com o rio e ao permanecerem visíveis no espaço urbano eles continuam produzindo significados, mesmo após a perda de suas funções originais.

Assim, as imagens evidenciam um diálogo entre passado e presente, no qual práticas ainda ativas coexistem com marcas materiais de outros tempos. Dessa forma, a paisagem passa a ser compreendida como sobreposição de temporalidades: de um lado, os usos cotidianos e atuais do espaço ribeirinho; de outro, as permanências físicas do passado industrial. Nesse encontro, o trabalho aparece tanto como prática viva quanto como memória inscrita na materialidade urbana.

Dessa forma, o eixo propõe compreender a paisagem urbana de Estância como resultado da interação entre natureza, produção e experiência social, onde rio, ruínas e bairros

tradicionais participam conjuntamente da construção da memória coletiva e dos modos de viver na cidade.

Fotografia 4 – Porto da Areia: embarcações, margem e cotidiano ribeirinho



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta um trecho do rio observado a partir da margem, onde pequenas embarcações encontram-se ancoradas lado a lado. O enquadramento vertical direciona o olhar para a extensão do curso d'água, que ocupa grande parte da composição, refletindo a vegetação e o céu. A superfície calma da água contribui para a construção de uma cena marcada pela quietude, sugerindo um ritmo próprio da vida ribeirinha.

No primeiro plano, os barcos aparecem como elementos centrais da imagem. Mesmo sem a presença direta de pessoas, eles indicam usos e práticas recorrentes, funcionando como sinais de atividades ligadas ao deslocamento, ao trabalho e à subsistência. A ausência dos sujeitos não significa vazio; ao contrário, reforça a ideia de um espaço continuamente habitado, no qual os objetos guardam a memória das ações humanas.

A fotografia, desse modo, desloca o rio de uma condição puramente paisagística para a de espaço vivido. Ele se apresenta como parte da organização cotidiana da vida local, articulando moradia, trabalho e circulação. O território ribeirinho surge, assim, como resultado de uma relação construída ao longo do tempo entre os sujeitos e a água.

A vegetação que acompanha as margens reforça essa integração entre ambiente natural e ocupação humana. Não se percebe uma separação rígida entre natureza e cultura, mas uma convivência marcada por adaptações e usos contínuos, nos quais o rio atua como eixo estruturante do território.

O ponto de vista adotado, parcialmente mediado por uma estrutura lateral, sugere uma observação a partir de um lugar comum e cotidiano, como se o fotógrafo estivesse inserido na própria dinâmica do espaço. Esse enquadramento aproxima o observador da cena e contribui para a sensação de familiaridade com o ambiente retratado.

Inserida no contexto da exposição, a fotografia evidencia o Porto da Areia como parte fundamental da memória urbana de Estância, ao destacar o rio como componente central de seus modos de vida. A imagem amplia, portanto, a compreensão da cidade para além de seus espaços edificados, incorporando os territórios ribeirinhos como dimensões essenciais de sua história e de sua experiência cotidiana.

Fotografia 5 – Trabalho, religiosidade e cotidiano às margens do rio



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019

A fotografia apresenta, em primeiro plano, uma grande quantidade de peixes dispostos sobre uma estrutura de madeira, provavelmente em processo de secagem ou preparação para comercialização. Esse elemento ocupa boa parte do enquadramento e direciona imediatamente o olhar para a dimensão do trabalho e da subsistência, evidenciando práticas associadas à pesca e ao aproveitamento dos recursos naturais.

Ao fundo, sobre uma área elevada e gramada, destaca-se a escultura de Cristo de braços abertos, posicionada de forma dominante na paisagem. A escolha do ponto de vista cria um contraste significativo entre o plano inferior, marcado pelo trabalho manual e pelo uso direto dos recursos do rio, e o plano superior, associado à religiosidade e ao símbolo de proteção

espiritual. Essa sobreposição de planos sugere uma convivência cotidiana entre o mundo material e o simbólico. Criando um contraste significativo entre o plano inferior, marcado pelo trabalho manual e pelo uso direto dos recursos do rio, e o plano superior, associado à religiosidade e ao símbolo de proteção espiritual. Essa sobreposição de planos sugere uma convivência cotidiana entre o mundo material e o simbólico.

O enquadramento em perspectiva baixa valoriza os peixes em primeiro plano, conferindo materialidade e textura à cena. Ao mesmo tempo, conduz o olhar em direção à imagem religiosa, estabelecendo um percurso visual que liga o fazer cotidiano às dimensões da fé. Essa construção visual reforça a ideia de que, nos espaços ribeirinhos, trabalho, crença e vida cotidiana não aparecem como esferas separadas, mas profundamente interligadas.

A presença de elementos como bancos, cercas e vegetação indica que se trata de um espaço organizado para uso contínuo, e não apenas um cenário ocasional. Isso sugere que as margens do rio funcionam como áreas de permanência, circulação e produção, configurando-se como territórios vividos.

No contexto da exposição, a fotografia contribui para compreender os espaços ribeirinhos de Estância como lugares onde se articulam práticas econômicas, culturais e simbólicas. Mais do que registrar uma atividade específica, a imagem evidencia uma forma de relação com o rio baseada no uso, na dependência e no pertencimento. Assim, o rio emerge não apenas como elemento natural da paisagem, mas como agente central na organização da vida social e na construção da memória urbana do município.

Fotografia 6 – Infância e cotidiano no espaço ribeirinho



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019

Esta fotografia apresenta duas crianças em primeiro plano, posicionadas às margens do rio, em uma cena marcada pela informalidade e pela naturalidade do gesto. Uma delas aparece sentada, com o corpo levemente inclinado e o rosto apoiado na mão, enquanto a outra segue em movimento, caminhando em direção à água. Ao fundo, pequenas embarcações encontram-se ancoradas próximas à margem, compondo a paisagem ribeirinha.

Um dos pontos marcantes desta imagem é seu enquadramento em preto e branco que confere à imagem um caráter atemporal, afastando-a de uma leitura excessivamente localizada no tempo e aproximando-a de uma ideia de permanência. Essa escolha estética reforça a sensação de continuidade das práticas ligadas ao rio, sugerindo que cenas como essa fazem parte de uma rotina que atravessa gerações.

Além disso, a presença das crianças introduz uma dimensão fundamental: o aprendizado cotidiano dos modos de viver no espaço ribeirinho. O que faz com que o rio não apareça apenas como local de trabalho dos adultos, mas também como espaço de convivência, brincadeira, circulação e formação. Trazendo a ideia de uma relação com o rio que é construída desde a infância, incorporando-se à experiência de vida dos sujeitos.

Ademais, as embarcações ao fundo funcionam como vestígios materiais das atividades econômicas associadas ao rio, especialmente a pesca e o transporte. Mesmo sem mostrar diretamente o trabalho em execução, a fotografia sugere um território estruturado em torno dessas práticas, onde o rio organiza fluxos, deslocamentos e formas de subsistência.

Nesse contexto expositivo, a imagem contribui para ampliar a compreensão dos espaços ribeirinhos como territórios de múltiplas experiências. Mostrando que não se trata apenas de lugares de produção, mas também de espaços de socialização e construção de vínculos. Evidenciando que a relação com o rio, em Estância, envolve dimensões econômicas, culturais e afetivas, que compõem parte fundamental da memória urbana e das formas de viver da população local.

Fotografia 7 – Travessia, trabalho e permanências no espaço ribeirinho



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta dois sujeitos em uma pequena embarcação atravessando o rio, em um enquadramento horizontal que conduz o olhar para a superfície da água e para o deslocamento do barco. Destacando o movimento, onde o rio deixa de ser apenas paisagem e passa a ser entendido como caminho.

O homem que maneja o motor e a mulher sentada na embarcação compõem uma cena simples e cotidiana, sem indícios de encenação. Essa simplicidade, longe de esvaziar a imagem de sentido, é justamente o que lhe confere força histórica. A fotografia aproxima o observador de uma prática recorrente entre moradores ribeirinhos, na qual atravessar o rio faz parte da rotina, do trabalho e da própria organização da vida.

Nesse contexto, o rio assume múltiplos significados: é via de circulação, meio de subsistência e lugar de encontro. Ele conecta margens, pessoas e experiências, funcionando como elemento estruturante da dinâmica social local. A imagem, portanto, não registra

apenas um deslocamento físico, mas também uma forma de relação com o território construída ao longo do tempo.

Ao fundo, a presença de antigas edificações industriais, marcadas pela chaminé, acrescenta outra camada de leitura. Esses vestígios remetem ao passado econômico de Estância, especialmente às atividades ligadas à produção açucareira, e introduzem na cena a memória de um período de intensas transformações na cidade.

O barco em movimento, no primeiro plano, e as estruturas fixas, ao fundo, sugerem a convivência entre permanências e mudanças. O cotidiano ribeirinho persiste, mesmo diante das marcas de processos econômicos e urbanos mais amplos e a paisagem que se forma é resultado dessa sobreposição de tempos, onde passado e presente se entrelaçam.

Inserida no contexto expositivo, a fotografia reforça a ideia de que a memória urbana de Estância não se constrói apenas por meio de grandes monumentos, mas também a partir de gestos simples, repetidos diariamente, que continuam dando sentido aos espaços da cidade.

Fotografia 8 – O gesto da pesca: trabalho, cooperação e saberes tradicionais



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A priori, a fotografia em preto e branco, registra dois homens em uma pequena embarcação envolvidos diretamente na prática da pesca. O enquadramento diagonal do barco organiza a cena de modo a conduzir o olhar do observador para o gesto central: o lançamento da rede sobre a superfície do rio. Esse instante congelado evidencia movimento e esforço, ao mesmo tempo em que confere à imagem uma forte carga expressiva.

A escolha pelo preto e branco intensifica os contrastes de luz e sombra, enfatizando as formas, texturas e corpos em ação. Onde a água, a rede e a madeira da embarcação adquirem presença visual marcada, deslocando o foco da imagem para a materialidade do trabalho. Essa opção estética contribui para afastar a cena de uma leitura meramente paisagística, aproximando-a de uma compreensão social do espaço ribeirinho.

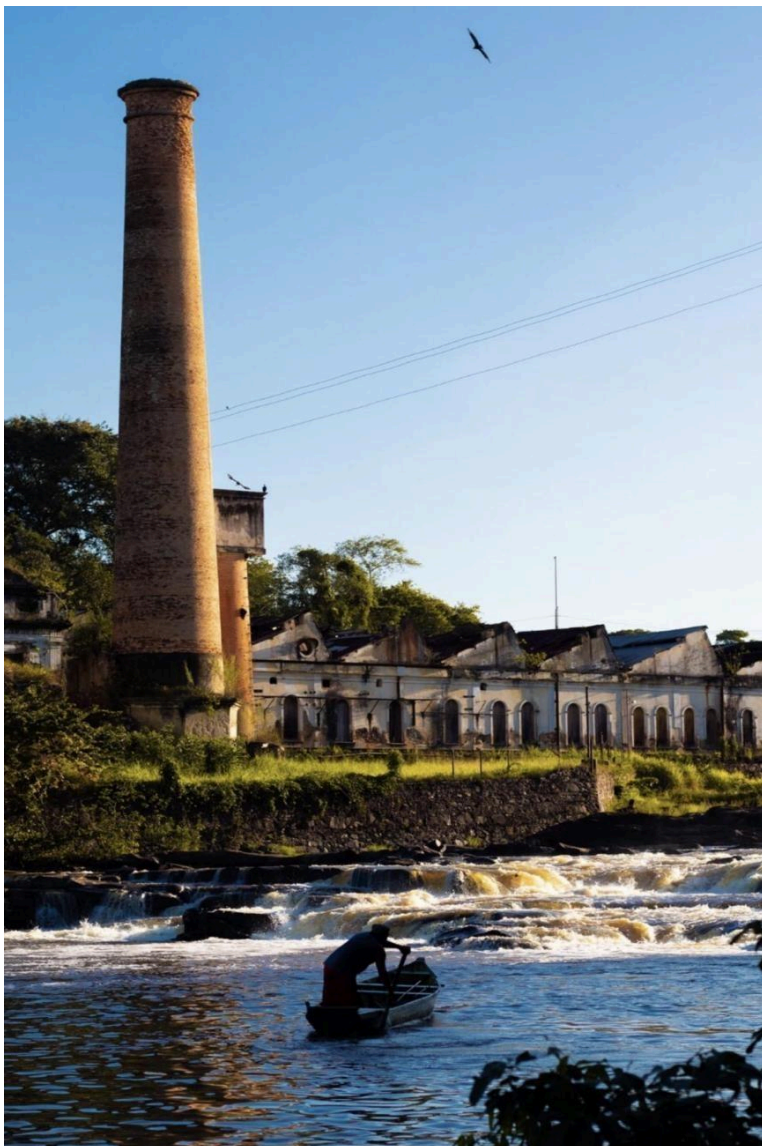
Aqui vemos o rio como pleno espaço de produção. Tendo a pesca como prática cotidiana, exercida de forma direta e sem encenação, revelando uma relação construída historicamente entre os sujeitos e o ambiente. O gesto preciso de lançar a rede sugere conhecimento técnico, experiência e repetição, elementos centrais para a manutenção dessa atividade.

A presença de dois trabalhadores na mesma embarcação aponta ainda para uma lógica de cooperação, na qual o trabalho se realiza de forma coletiva. Indo além do esforço individual, demonstrando uma prática compartilhada, sustentada por vínculos sociais e por saberes transmitidos ao longo do tempo.

Nesse sentido, a fotografia ultrapassa o registro de um momento isolado e passa a operar como testemunho visual de permanências. Ela evidencia que, apesar das transformações econômicas e urbanas, certas formas de viver e trabalhar continuam estruturando a relação da população estanciana com o rio.

Incorporado a exposição, a imagem contribui para uma compreensão da memória urbana que valoriza não apenas edificações ou marcos físicos, mas também os gestos, os ofícios e as experiências cotidianas que constroem, silenciosamente, a história da cidade.

Fotografia 9 – Fábrica, rio e permanências na paisagem industrial de Estância



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta uma ampla vista do antigo complexo fabril às margens do rio, tendo como elemento dominante a chaminé de tijolos que se ergue verticalmente na composição. Ao fundo, observa-se o conjunto arquitetônico da antiga fábrica, marcado por fachadas desgastadas, janelas em sequência e sinais visíveis de deterioração, enquanto, em primeiro plano, o rio ocupa parte significativa da imagem, com um homem em pequena embarcação atravessando a correnteza.

A organização espacial da cena articula três dimensões que se sobrepõem: o patrimônio industrial, a paisagem natural e a ação humana. A presença simultânea desses elementos sugere que o território retratado não se configura apenas como espaço abandonado, mas como lugar atravessado por usos cotidianos e por diferentes camadas de tempo.

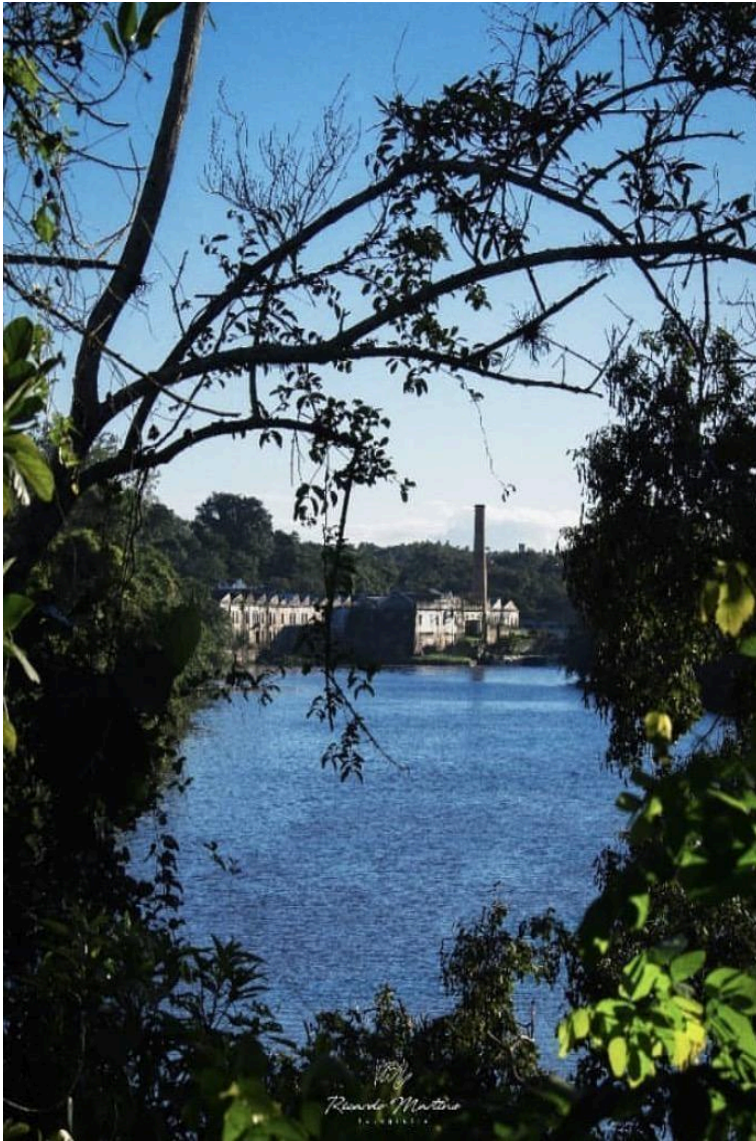
A chaminé, símbolo de um passado marcado pela industrialização e pela produção açucareira, remete a um período em que a fábrica ocupava posição central na economia e na vida social de Estância. Seu estado atual, associado às estruturas desgastadas que a circundam, evidencia processos de desativação e esvaziamento, ao mesmo tempo em que inscreve essas edificações no campo da memória.

Em contraste com a materialidade das ruínas, a figura do homem na embarcação introduz a dimensão da permanência. Mesmo diante das transformações no cenário produtivo, o rio continua a ser utilizado como via de deslocamento e espaço de trabalho, indicando continuidades nos modos de habitar e de se relacionar com esse território.

Assim, a fotografia constrói uma narrativa visual em que ruína e vida coexistem e que o passado industrial não aparece apenas como vestígio, mas como elemento que ainda compõe a paisagem e interfere na experiência presente do espaço. Nesse sentido, a memória manifesta-se menos como lembrança distante e mais como presença incorporada ao cotidiano.

Inserida no eixo “Ruínas, memória e paisagem industrial”, a imagem contribui para compreender como Estância elabora visualmente seu passado produtivo não por meio da monumentalização, mas a partir da exposição de suas marcas, de seus desgastes e de sua convivência com as práticas atuais.

Fotografia 10 – Fábrica ao longe: ruína, enquadramento e memória na paisagem



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta o antigo complexo fabril visto à distância, a partir da outra margem do rio, parcialmente emoldurado pela vegetação. Galhos e folhas ocupam as bordas da imagem, criando uma espécie de moldura natural que direciona o olhar para o conjunto arquitetônico e para a chaminé que se destaca na linha do horizonte.

Esse recurso de enquadramento produz um efeito significativo: a fábrica não surge de forma imediata ou dominante, mas como presença que se revela gradualmente ao observador. Tal escolha visual sugere uma relação de contemplação e, ao mesmo tempo, de distanciamento, reforçando a condição da antiga estrutura como ruína integrada à paisagem.

Já o edifício, marcado por sinais de desgaste e abandono, permanece como vestígio material de um passado industrial ligado à produção açucareira e ao processo de modernização econômica de Estância. Ainda que desativado, o complexo continua a exercer forte impacto simbólico, funcionando como marco visual e memória concreta de um período que moldou a organização do território e das relações de trabalho.

A presença dominante do rio entre o ponto de observação e a fábrica cria uma camada adicional de leitura. A água atua como elemento de mediação entre passado e presente, separando fisicamente o observador da ruína, mas, ao mesmo tempo, conectando temporalidades distintas. O rio, que historicamente sustentou tanto práticas ribeirinhas quanto atividades industriais, aparece como fio condutor dessa memória.

Diferentemente de uma representação de monumentalização do patrimônio, a fotografia aposta na sutileza. A fábrica não é exaltada como grandiosa, mas apresentada como parte orgânica da paisagem, convivendo com a vegetação, com a água e com o silêncio do entorno. Essa escolha reforça a ideia de que a memória industrial da cidade não está apenas nos discursos oficiais, mas também inscrita nos cenários cotidianos.

Disposta no percurso expositivo, a imagem contribui para compreender a ruína como espaço de permanência simbólica. Mesmo esvaziada de sua função original, a uma continuidade de sentidos, acionando lembranças, narrativas e pertencimentos que seguem atravessando a experiência urbana.

4.2.3 Festas, religiosidade e usos simbólicos do espaço urbano

Este eixo de análise reúne fotografias que evidenciam práticas culturais e religiosas como componentes centrais da vida urbana em Estância. As imagens aqui analisadas deslocam o olhar da paisagem enquanto forma para a paisagem enquanto experiência, destacando momentos em que a cidade é apropriada coletivamente por meio de rituais, celebrações e manifestações simbólicas.

As festas e celebrações religiosas aparecem como acontecimentos que organizam temporariamente o espaço urbano, atribuindo novos sentidos a ruas, praças e edifícios. Esses eventos não apenas ocupam fisicamente a cidade, mas produzem experiências compartilhadas, reforçando vínculos sociais e atualizando memórias coletivas.

Nesse conjunto, a fotografia atua como mediadora entre o acontecimento e sua permanência no tempo. Ao registrar instantes efêmeros, como procissões, fogueiras e concentrações populares, a imagem transforma práticas transitórias em registros duradouros, capazes de circular, ser revisitados e reinterpretados.

Assim, este subcapítulo busca compreender como as fotografias constroem narrativas sobre a dimensão simbólica e cultural de Estância, evidenciando a importância das festas e da religiosidade na produção de identidades, pertencimentos e sentidos sobre a cidade.

Fotografia 11 – Fogueira, celebração e religiosidade no centro urbano



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia registra uma cena marcada pela presença de uma grande fogueira acesa em primeiro plano, em frente a uma edificação religiosa de destaque na paisagem

urbana. O enquadramento aproxima dois elementos centrais, a chama intensa da fogueira e a fachada da igreja, estabelecendo um diálogo visual entre prática festiva e religiosidade institucional.

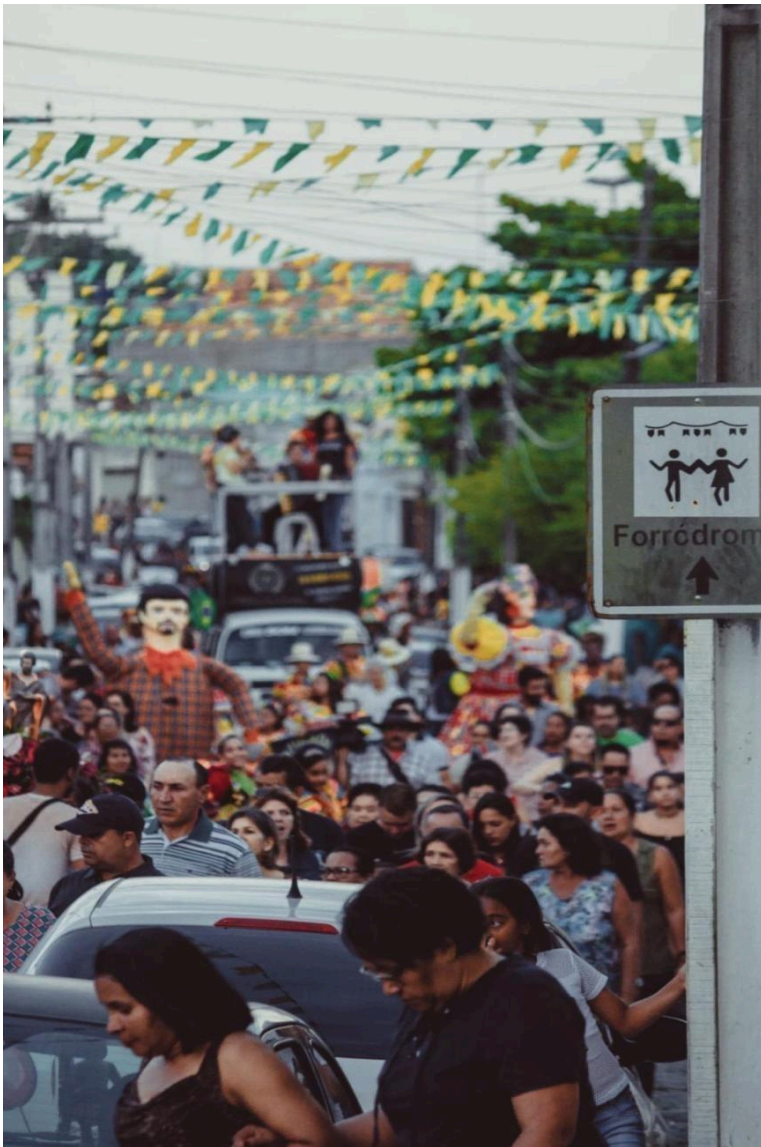
A disposição dos elementos cria uma composição dinâmica. À esquerda, a fogueira ocupa grande parte do quadro, irradiando luz e movimento. Ao fundo, a igreja surge iluminada, com suas torres e detalhes arquitetônicos visíveis. Ao redor, um conjunto de pessoas participa da celebração, sugerindo um evento coletivo, marcado por música, dança e interação.

A presença de bandeirinhas, instrumentos musicais e vestimentas típicas remete ao universo das festas juninas, tradição fortemente associada à religiosidade popular e à cultura nordestina. Dessa forma, a imagem articula dimensões distintas, o sagrado, representado pela igreja, e o profano festivo, expresso pela fogueira e pela performance dos participantes. Essa convivência revela a fluidez entre fé, celebração e sociabilidade na experiência urbana.

Mesmo sem identificar personagens específicos, a fotografia valoriza o protagonismo do grupo. O corpo em movimento, os braços erguidos e a concentração das pessoas ao redor da fogueira indicam um momento de envolvimento coletivo, no qual a cidade se transforma em espaço de encontro e celebração.

Disposto no percurso expositivo, a imagem contribui para ampliar a compreensão da memória urbana estanciana ao destacar práticas culturais que se repetem ao longo do tempo e que permanecem vivas no presente. A fotografia não apenas registra uma festa, mas evidencia como a cidade é constantemente ressignificada por seus habitantes, que, ao ocupar o espaço com rituais e celebrações, reafirmam vínculos, identidades e modos de pertencer.

Fotografia 12- Celebração, tradição e ocupação coletiva da cidade



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

Esta imagem registra um cortejo festivo que ocupa uma via urbana de Estância, transformando temporariamente a rua em espaço de celebração, encontro e circulação coletiva. O enquadramento vertical acompanha a profundidade da cena, revelando uma multidão que se estende ao longo da via, enquanto bandeiriolas coloridas atravessam o céu e constroem uma ambiência típica de festas populares.

No centro da composição, a presença de personagens característicos, como bonecos gigantes e figuras fantasiadas, dialogam com tradições culturais do Nordeste e remete a

manifestações que misturam ludicidade, religiosidade e memória coletiva. Esses elementos não aparecem isolados, mas inseridos em meio à população, sugerindo que a festa não é espetáculo distante, e sim prática vivida, construída pelo envolvimento direto das pessoas.

Um detalhe significativo da imagem é a placa de sinalização que indica o “Forródromo”, posicionada ao lado direito do enquadramento. Sua presença atua como marcador espacial e simbólico, apontando para um equipamento urbano associado às festas e aos grandes eventos culturais da cidade. Ao mesmo tempo, por estar orientada na contramão do fluxo da multidão produz uma tensão visual entre a direção institucional do espaço e a dinâmica própria da celebração, inscrevendo no espaço a centralidade do forró e das celebrações na vida cultural estanciana, reforçando a relação entre território, festa e identidade.

Outro ponto é a rua, normalmente associada à circulação cotidiana de veículos e pedestres, assume aqui outra função. Ela se converte em palco simbólico, espaço de expressão cultural e de reafirmação de pertencimentos. O uso intenso do espaço urbano pela multidão evidencia como a cidade se reinventa em momentos festivos, produzindo outras formas de ocupação e sociabilidade.

As bandeirolas, os carros de som e os adereços visuais ajudam a construir uma atmosfera que remete tanto ao caráter religioso quanto ao popular dessas celebrações, indicando a coexistência entre fé, tradição e diversão. Mesmo sem a presença explícita de um símbolo religioso específico em primeiro plano, a organização do cortejo e os signos visuais acionam repertórios associados às festas de devoção e aos ciclos culturais locais.

Situada no cenário expositivo, a imagem contribui para evidenciar que a memória urbana de Estância também se constrói a partir de eventos coletivos e rituais festivos, que marcam o calendário da cidade e estruturam experiências compartilhadas. A fotografia reforça a ideia de que festas e celebrações são formas privilegiadas de uso simbólico do espaço urbano, nas quais a cidade é vivida não apenas como cenário, mas como território de encontro, expressão cultural e produção de sentidos.

Fotografia 13-Festa, encontro e usos simbólicos da rua



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia apresenta uma cena noturna marcada pela presença de fumaça, bandeirolas suspensas e grupos de pessoas reunidas em uma esquina, elementos que remetem imediatamente ao contexto de festejos populares. O enquadramento vertical destaca a rua como espaço central da ação, reforçando a ideia de que, durante esses eventos, o espaço urbano deixa de ser apenas lugar de circulação cotidiana e passa a ser vivido como cenário de celebração, encontro e experiência coletiva.

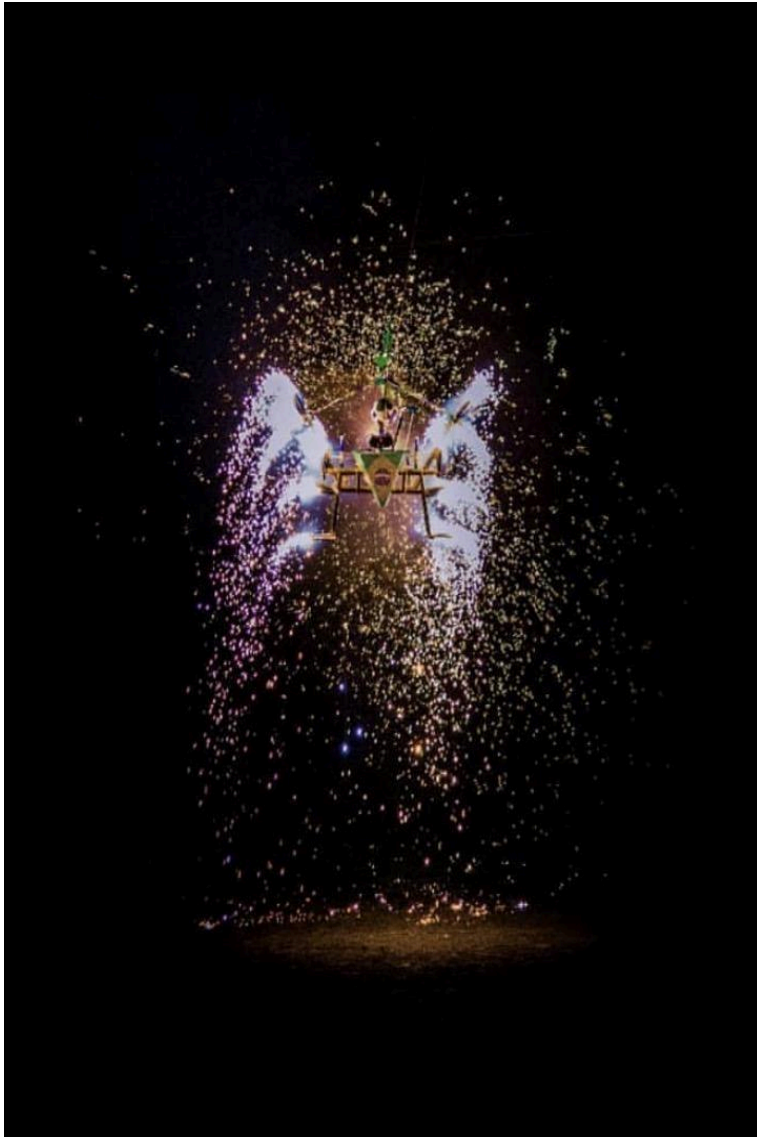
A iluminação difusa, atravessada pela fumaça e pelas luzes ao fundo, cria uma atmosfera densa e quase etérea, que contribui para a sensação de suspensão do tempo ordinário. A cidade, nesse momento, parece assumir outra temporalidade, marcada pelo ritmo da festa, pelos sons, pelos cheiros e pela movimentação dos corpos. Essa ambiência sugere que o festejo não é apenas um acontecimento pontual, mas uma prática social que reorganiza temporariamente os usos e significados do espaço urbano.

No primeiro plano, a figura de uma criança apoiada em um poste de sinalização chama atenção para diferentes formas de participação na cena. Mesmo não estando diretamente envolvida na ação principal, sua presença indica curiosidade, expectativa e envolvimento com o acontecimento, evidenciando como a festa atravessa gerações e se inscreve desde cedo nas experiências de quem vive na cidade. Ao fundo, os homens de chapéu e vestimentas associadas a tradições populares reforçam a dimensão cultural do evento.

A placa de trânsito visível na imagem, indicando sentido de circulação, adquire um significado simbólico ao ser inserida nesse contexto. Em meio à festa, sua função prática é relativizada, pois a rua deixa de ser organizada apenas pelas normas do tráfego e passa a ser conduzida pela lógica do encontro e da celebração. Assim, a fotografia sugere que, nesses momentos, a cidade é ressignificada. O que normalmente orienta o fluxo urbano cede espaço a outras formas de ordenamento baseadas na experiência coletiva.

No contexto da exposição, a imagem contribui para compreender como festas populares e manifestações culturais participam ativamente da construção da memória urbana de Estância. Elas não apenas ocupam a cidade, mas ajudam a produzir sentidos sobre ela, transformando ruas, esquinas e praças em espaços carregados de simbolismo. A fotografia, portanto, registra mais do que um evento. Ela revela modos de viver a cidade, de celebrar pertencimentos e de atualizar, no presente, práticas que se vinculam à história e às tradições locais.

Fotografia 14 - Barco de Fogo e celebração da tradição estanciana



Fonte: MARTINS, Ricardo. Instagram (@ricofoto_), 2019.

A fotografia registra o momento de queima do Barco de Fogo, manifestação cultural tradicional de Estância e reconhecida como patrimônio imaterial de Sergipe. A imagem é marcada pela explosão de luzes e faíscas que se destacam intensamente contra o fundo escuro da noite, concentrando o olhar do observador no espetáculo pirotécnico e na força simbólica desse ritual.

O enquadramento centraliza a estrutura do Barco de Fogo em plena atividade, enquanto a ausência de referências espaciais mais amplas reforça a ideia de suspensão do cotidiano. Nesse instante, a cidade parece dar lugar a um tempo próprio da festa, em que luz, fogo e som constroem uma atmosfera de encantamento, expectativa e emoção coletiva.

A presença humana, embora não apareça diretamente na composição, é sugerida pela própria existência da montagem e pela natureza da prática, que envolve mestres, fogueteiros e moradores na preparação e execução do ritual. Assim, a fotografia aponta para um saber-fazer transmitido ao longo do tempo, que articula técnica, tradição e identidade cultural.

O Barco de Fogo, enquanto expressão simbólica, ultrapassa a dimensão do espetáculo visual. Ele representa pertencimento, memória e continuidade, funcionando como um marcador da singularidade cultural de Estância. Ao ser registrado e inserido em uma exposição fotográfica, esse elemento da cultura popular passa a circular também como memória visual, reforçando seu valor patrimonial.

Dentro deste subcapítulo, a imagem evidencia como as festas e manifestações tradicionais transformam o espaço urbano em palco de celebração, atribuindo novos sentidos às ruas e praças. O espaço deixa de ser apenas cenário físico e se converte em território simbólico, onde a cultura se atualiza e se inscreve na memória coletiva.

Em contexto geral, a análise do conjunto de fotografias evidenciam que as imagens operam como narrativas visuais articuladas, capazes de colocar em relação diferentes dimensões da experiência urbana em Estância. Ao longo dos eixos temáticos, observa-se que paisagem, cotidiano, trabalho, circulação, religiosidade e festa não aparecem de forma isolada, mas conectados, compondo um mosaico de práticas e sentidos que estruturam a vida na cidade.

Assim, as fotografias constroem aproximações com espaços e sujeitos que, muitas vezes, não ocupam centralidade nas representações oficiais. Becos, margens do rio, ruas tomadas por festejos, territórios de trabalho e espaços de circulação cotidiana surgem como lugares de produção de vida, memória e pertencimento. Nesse sentido, o olhar fotográfico evidencia uma cidade que se apresenta menos como cenário monumental e mais como espaço vivido.

Outro aspecto que se destaca é a coexistência de diferentes temporalidades nas imagens. Elementos considerados tradicionais convivem com marcas do presente, revelando

uma Estância atravessada por continuidades e mudanças. Essa sobreposição de tempos não se organiza de forma linear, mas se manifesta nas práticas, nos gestos, nos usos do espaço e nos modos de habitar.

A organização das fotografias em eixos possibilitou compreender que cada imagem, ao mesmo tempo em que possui singularidade, dialoga com as demais, ampliando seu campo de leitura. O sentido das fotografias, portanto, não está apenas no que mostram isoladamente, mas nas relações que estabelecem entre si e com os contextos em que são produzidas e expostas.

Com isso, as imagens analisadas oferecem pistas importantes para pensar a cidade a partir do cotidiano e das experiências ordinárias, evidenciando a potência da fotografia como linguagem capaz de revelar camadas sensíveis da vida estanciana. As interpretações aqui desenvolvidas abrem caminho para reflexões mais amplas e aprofundadas acerca de Estância e da forma de enxergar as imagens e sua relação com a história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu do interesse em compreender de que maneira a fotografia, no contexto de uma exposição e de sua circulação nas mídias digitais, participa da construção da memória urbana de Estância. Dessa forma, ao longo da pesquisa, busquei evidenciar que as imagens fotográficas não atuam apenas como registros do real, mas como produções culturais atravessadas por escolhas, enquadramentos e intencionalidades, capazes de organizar modos de ver, narrar e lembrar a cidade.

A discussão teórica desenvolvida no segundo capítulo possibilitou compreender a memória como uma construção social, produzida no presente e constantemente reelaborada, bem como reconhecer a fotografia enquanto linguagem, documento histórico e objeto cultural. Dessa forma, esses referenciais ofereceram bases para pensar as imagens não como reflexos neutros da realidade, mas como discursos visuais que selecionam fragmentos do mundo e lhes atribuem sentidos.

No terceiro capítulo, ao abordar a exposição fotográfica e sua circulação digital, evidenciou-se que esses espaços funcionam como dispositivos de mediação da memória, nos quais determinadas narrativas sobre a cidade ganham visibilidade, legitimidade e permanência. A exposição “171 anos do Júbilo Cultural, Estância pela lente do fotógrafo Ricardo Martins”, ao reunir e organizar um conjunto específico de imagens, constrói um percurso visual que sugere formas particulares de perceber Estância, seus territórios, paisagens, práticas sociais e manifestações culturais.

A análise das quatorze fotografias, apresentada no quarto capítulo, permitiu observar como diferentes dimensões da cidade são mobilizadas visualmente: os modos de habitar, os espaços ribeirinhos e as relações com o rio, as dinâmicas do cotidiano, as festas, a religiosidade e os usos simbólicos do espaço urbano. Em conjunto, essas imagens compõem uma narrativa que articula natureza, território, experiência e memória, revelando uma cidade plural, marcada por permanências e transformações.

Diante disso, pode-se afirmar que a exposição e a circulação digital das fotografias constroem narrativas visuais que não apenas apresentam Estância, mas participam ativamente da produção de sua memória urbana, ao selecionar, organizar e dar visibilidade a determinados espaços, práticas e experiências, oferecendo modos específicos de ver, sentir e lembrar a cidade.

Nesse sentido, a pesquisa evidencia que a memória urbana não se constitui apenas por meio de documentos escritos ou de versões oficiais da história, mas também por imagens que circulam, são compartilhadas e consumidas cotidianamente. A fotografia, portanto, assume papel central na forma como a cidade é imaginada, reconhecida e significada por diferentes públicos.

Como contribuição, este estudo reforça a importância de considerar exposições fotográficas e mídias digitais como espaços legítimos de produção histórica e de disputa de sentidos sobre o passado e o presente. Além disso, aponta para a necessidade de ampliar investigações que articulem fotografia, memória e cidade, contemplando outros acervos, exposições e contextos, de modo a aprofundar a compreensão sobre os usos sociais da imagem na contemporaneidade.

Sob essa perspectiva, ao analisar Estância a partir da fotografia, este trabalho buscou não apenas compreender um conjunto específico de imagens, mas refletir sobre como a cidade é continuamente narrada, construída e lembrada no tempo presente, reafirmando a fotografia como uma linguagem fundamental na produção da memória urbana.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.

Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 179–212. (Obras Escolhidas, v. 1).

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens.

Tradução de Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

GOETHE, Johann Wolfgang von. A teoria das cores. Tradução de Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Viagem à Itália. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política e amnésia.

Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia.

Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MARTINS, Ricardo. ricofoto. [Perfil no Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/ricofoto/>.

Acesso em: 30 jan. 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.